

Henrique Normando

CONTOS SURPREENDENTES



A Ameaça

Aceleraram o carro ao longo do Rife, procurando evitar os Tuaregues. Luzes de acampamentos tremeluziam dispersas.

João e Nádia, casados há pouco tempo, ocupavam os assentos da frente. Mário e Carla, casados há mais tempo, ocupavam o assento de trás. João conduzia, sem nunca dar mostra de cansaço. Na última etapa da digressão por Marrocos tinham feito o percurso de Meknes, Fez e Taza. Quando encontraram a estrada que os levaria a Ouezanne, foram mandados parar pela polícia marroquina.

Uma lagarta em ferro com bicos pontiagudos ocupava a estrada, impedindo qualquer veleidade de fuga.

João conversou com os guardas. Explicou que tinham saído da estrada principal, por engano. Os guardas espreitaram para dentro do carro. Pediram os documentos e verificaram-nos minuciosamente. Por fim, retiraram a lagarta de ferro e disseram-lhes que podiam seguir.

O calor era imenso às vinte horas e trinta minutos, hora a que chegaram a Ouezanne. Conseguiram quarto num pequeno hotel, dirigido por uma simpática família que os acolheu afaavelmente. O hotel não tinha ar condicionado.

Para dormir, nessa noite, Mário teve que molhar o toalhão de banho várias vezes, pondo-o sobre o lençol e deitando-se por cima. O problema é que o toalhão secava rapidamente. Mas dava para dormir... durante algum tempo.

No dia seguinte tomaram o pequeno-almoço e dirigiram-se para Tânger. Mário relia as suas notas apontadas no *moleskine*.

Relembrava Paul Bowles a citar Eduardo Mallea: “O destino de cada homem só é pessoal na medida em que se assemelhar ao que já existe na sua memória.”

Chegados a Tânger foram rodeados por miúdos que quiseram lavar os vidros do carro. João afastou-os, dando-lhes algum dinheiro.

Mário, que adorava Bowles, pensava encontrá-lo em Tânger e falar com ele. Não conseguiu. Tinha-se ausentado e ninguém sabia dizer para onde. Frustrado, Mário sugeriu que fossem para Ceuta e depois Algeciras, de regresso a Portugal. O resto do grupo não concordou. De facto, todos estavam a adorar Tânger. Decidiram ficar por lá mais dois dias, com a anuência de Mário que assim via aumentadas as possibilidades de poder falar com Bowles.

Foram ao Kasbah, onde regatearam preços, acabando por fazer algumas compras, sobretudo roupas para Carla e Nádía que escolheram *djellabas* e lindíssimos *kaftans*.

•

Quando saíram da zona da Medina e se dirigiam para o hotel, numa rua em que quase não havia movimento, aperceberam-se que estavam a ser seguidos.

Um pouco temerosos, olharam para trás. Não viram ninguém. Trocaram impressões em voz baixa. João disse:

Porra, não tenho dúvida que alguém vinha atrás de nós. Quem quer que fosse, escondeu-se em algum lado.

Nádía concordou, dizendo:

— É isso que eu acho. Tenho a certeza que alguém nos seguia.

— De facto, é estranho. Esta sensação persegue-me já há algum tempo — disse Mário.

— Ai meu Deus, que medo. Espero que não nos queiram assaltar. — disse Carla acabando por concordar com eles.

Quando chegaram ao hotel, depois de se terem refrescado, encontraram-se no átrio e foram para o bar, pedindo algumas bebidas. Sentiam necessidade de conversar um pouco.

Falaram sobre a experiência que tiveram no quarto do Hotel Capitol, em Rabat. Pela primeira vez tinham feito amor à vista uns dos outros. Carla com Mário e Nádía com João. Despojados de roupa tudo era mais excitante. Carla e Nádía tinham corpos magníficos. Muito belos. Tinha havido algo de fraterno naquela cerimónia.

Mário, o mais directo dos quatro a abordar os assuntos, disse mesmo que, depois daquela experiência, nada seria como dantes. Ninguém quis saber porquê.

Falaram ainda dos guardas imperiais e dos cavalos árabes que nunca se mantinham quietos... e do olhar cheio de lágrimas de João, a olhar para a magnificência artística do interior do mausoléu de Mohamed V.

Nessa noite, deitaram-se cedo.

No dia seguinte, foram até à praia, dado que estava um dia excelente para desfrutar a areia fina e o sol maravilhoso no magnífico céu de Tânger. Aí, Mário sofreu um pequeno contratempo. Perdeu a aliança de matrimónio, e apesar de todos a procurarem, não foi possível encontrá-la.

— Paciência, comprarei uma igual — afirmou, depois de todas as buscas se terem revelado infrutíferas. Apesar de ter dito isso, estava triste.

Durante algum tempo, um grande pássaro negro sobrevoou os dois casais. Nunca conseguiram descobrir de que pássaro

se tratava.

Carla e Nádia estavam com biquínis um pouco arrojados. Era notória a atenção que despertavam em alguns marroquinos que estavam na praia. Em certo momento, Nádia afastou-se um pouco para ir nadar. Carla não quis ir porque estava a gozar o prazer de um banho de sol.

Carla voltou passado algum tempo, a correr e com cara de quem tinha visto um fantasma.

— Mário — disse ela —, vi-te agora mesmo. Estavas junto à água acompanhado de uma marroquina a quem chamavas Fátima. Tinhas o cabelo todo branco e parecias vinte anos mais velho. Devo estar a ficar doida, mas vocês têm que vir ver. Rápido. Por favor. Venham.

Mário parou de ler o livro que tinha levado para a praia. Carla levantou-se sem acreditar no que estava a ouvir e João riu-se, dizendo que Nádia tinha pirado de vez. Apesar disso foram todos até ao local onde ela dizia ter visto Mário na sua versão “envelhecida” e... nada.

Estavam vários veraneantes naquela zona, mas nenhum era confundível com Mário. Duas toalhas encontravam-se estendidas na areia, que Nádia garantiu ter visto, também, sendo uma utilizada por ele, e a outra pela acompanhante. Sobre uma das toalhas repousava um porta-chaves com um pequeno cristal.

Andaram por ali cerca de uma hora, mas nada aconteceu. Decidiram falar com um nadador que parecia fiscalizar a praia e disseram-lhe que havia duas toalhas que parecia estarem abandonadas, conjuntamente com um porta-chaves. Ele agradeceu sorrindo, e disse para não se preocuparem. Ele próprio trataria do assunto.

Uma pequena trovoada fez-se ouvir ao longe. Decidiram regressar ao hotel. Nessa noite, saíram os quatro, passeando pelas ruas de Tânger. Quando meteram por uma rua menos frequentada, voltaram a ouvir os passos de alguém que parecia persegui-los. A atmosfera tornara-se pesada, envolvida por

sombras espectrais.

Apressaram o passo de regresso ao hotel. O eco dos passos atrás deles tornara-se inquietante. Só descansaram quando entraram no átrio. Foram cumprimentados pelo empregado da recepção, que os olhou, surpreendido pelo ar assustado que deixavam transparecer.

•

Na manhã seguinte, levantaram-se cedo. Tomaram o pequeno-almoço na sala de refeições do hotel. Só Carla não tinha dormido bem. Tinha tido um pesadelo com Mário:

Mário tinha perdido a chave do carro na praia. Ele e Carla estavam sozinhos num extenso areal. Era praticamente impossível encontrar a chave. A praia estava a quilómetros da vila mais próxima. Procuraram de forma desesperada, sem resultado. Até que Carla viu um reflexo na areia, não muito longe do lugar onde procuravam. Deu um grito de alívio e percebeu que o reflexo provinha do porta-chaves, que tinha uma pequena pedra vermelha no suporte de metal. Cansados de tantas emoções e de tantos quilómetros percorridos, decidiram, em conjunto, regressar a Portugal.

Eva e a Despedida

Carlos meteu-se no avião e desembarcou em Heathrow cerca das cinco horas da tarde. No aeroporto, esperava-o Robert, o seu amigo inglês, com quem Carlos tinha negócios. Dirigiram-se ao Hilton, onde Carlos ia pernoitar, e combinaram encontrar-se no dia seguinte às nove horas para visitarem dois clientes importantes na zona da New Bond Street.

Robert lembrou a Carlos que, apesar de estarem no Verão, Carlos não deveria trajar o *blazer* azul e as calças cinzenta que tinha vestido, mas que convinha levar um fato completo. Em Londres os clientes reparavam muito esses detalhes. Carlos riu-se, dizendo que sabia isso perfeitamente e... *please don't worry*.

No dia seguinte tudo decorreu como estava previsto, apesar do movimento intenso de viaturas em circulação no centro de Londres.

Os compromissos foram assegurados e os negócios bem sequenciados. Carlos e Robert, bastante satisfeitos, foram almoçar ao Playboy, tendo ganho algumas dezenas de libras na roleta que tinham decidido jogar após o almoço.

No dia seguinte, Carlos despediu-se de Robert e apanhou o avião para Estocolmo, onde tencionava concretizar alguns

projectos em parceria com um importante homem de negócios libanês.

Foi após este contacto que se desenvolveu um romance extraordinário entre Carlos e Eva, uma maravilhosa finlandesa que Sammy, o amigo do Líbano, apresentou a Carlos, na sequência de ter sido informalmente apresentada a Sammy por amigos comuns.

Tudo começou num restaurante em que as pessoas mais divertidas eram Carlos e Eva, um pianista argentino e um simpático alemão chamado Wolf.

Os suecos que jantavam na enorme e bela sala onde se encontravam olhavam para este grupo, com um ar algo reprovador.

Entre Carlos e Eva houve uma empatia imediata e uma natural comunhão de pontos de vista sobre os temas que foram abordados durante esse inesquecível serão.

Sammy, que entretanto se tinha dirigido para Eskilstuna, uma cidade próxima de Estocolmo, ficou de contactar com Carlos alguns dias depois.

•

Os dias que se seguiram foram de uma maravilhosa intimidade entre Carlos e Eva. Ela estava a residir na bela capital da Suécia, onde tencionava ficar por um ano, findo o qual regressaria a Helsínquia. A sua actividade estava relacionada com as artes plásticas, sobretudo com a pintura, sendo uma entusiasta de toda a cultura anglo-saxónica e da francesa em particular. Surgiram, no entanto, algumas mentiras, a que Carlos não resistiu e que ensombraram o idílio que ambos viveram de forma tão intensa.

A primeira mentira de Carlos foi a de ter referido que ele próprio era francês de nascimento.

A segunda foi a de ter omitido que era casado.

A terceira... a de ter feito promessas irrealizáveis.

Eva, com uma enorme ternura, acreditou piamente em

tudo o que Carlos lhe disse. Carlos, intimamente, pensava que aquela ligação não tinha futuro e que, portanto, as mentiras e as omissões não tinham grande importância dado que dificilmente Eva viria a aperceber-se das mesmas.

Apesar de tudo, Carlos decidiu prolongar a sua estada na Suécia por mais duas semanas, para além do que tinha sido previsto inicialmente.

•

Carlos e Eva fizeram amor como loucos, em êxtase, e Eva, num arrebatamento apaixonado, rendida à virilidade do companheiro dizia-lhe: *mon petit chou, tu est merveilleux, divin. Je t'aime... Je t'aime trop.*

Durante o dia, Carlos e Eva desenvolviam as suas actividades profissionais. Cerca das dezoito horas encontravam-se e prolongavam o seu idílio.

No apartamento de Eva, Carlos tomava contacto com os aspectos íntimos da vida privada e familiar de Eva, designadamente com uma maravilhosa colecção de ícones russos, com os livros escritos pelo seu pai, ensaísta finlandês reputado, cuja língua era ininteligível para Carlos, embora tivesse a ajuda de Eva que, pacientemente, lhe traduzia alguns excertos por ela escolhidos.

Juntos foram ver o Wasa, o extraordinário navio do século XVII, retirado da água em 1961, que a todos espanta pelo estado de conservação em que o casco se encontra. Foram ao Moderna Museet, onde Carlos teve o ensejo de apreciar algumas das mais maravilhosas obras de pintores excepcionais, com a ajuda inestimável e esclarecida de Eva.

Foram ao Palácio Real de Estocolmo... e a todos os pontos de maior interesse turístico e cultural... coisas que Carlos, sozinho, não teria feito.

Foram extraordinários momentos que ele jamais iria esquecer.

•

O tempo foi correndo célere e eles sentiram que a sua maravilhosa ligação estava a terminar.

No último dia, Carlos disse:

— Querida Eva, amanhã vou apanhar o avião para Londres. Tenho à minha espera o meu amigo Robert, súbdito inglês de grande prestígio que me está a acompanhar na ultimação de alguns importantes negócios.

Eva respondeu:

Meu querido, espero que tudo te continue a correr bem, como até aqui. Espero ver-te logo que possível. Ofereço-te uma fotografia minha para que não me esqueças. — Dito isto, Eva deu a Carlos uma pequena foto.

Carlos lembrou-se que tinha algumas fotos que poderia mostrar a Eva. Mostrou-lhe uma foto tirada em Londres, onde estava Robert, dizendo:

— Olha, este é o amigo que amanhã me vai buscar ao aeroporto, o Robert... de quem te tenho falado.

Eva olhou, parecendo não acreditar no que via.

— Mas... é o Robert Wayne... conheço muito bem!... é meu amigo e amigo dos meus pais há mais de cinco anos... conhecemo-nos em Ibiza, numas férias de Verão. Desde aí mantemos contacto com regularidade porque há interesses comuns entre o trabalho que a mulher de Robert faz, no campo das artes decorativas, e o de minha mãe, que é semelhante. Elas editam uma revista mensal sobre o assunto. Carlos... meu querido... como o mundo é pequeno!

Carlos ficou perturbado com o que acabava de ouvir. Havendo contactos regulares entre Eva e Robert, ele não duvidava que as suas mentiras e omissões seriam rapidamente descobertas por Eva, dado que Robert sabia perfeitamente que ele era casado e que tinha um filho, que não era francês... e que

as promessas que tinha feito a Eva, incluindo a possibilidade de virem a viver juntos, eram um logro.

Carlos sentiu que tinha chegado o momento de se retratar, penitenciando-se e revelando a verdade integral sem distorções, fingimentos ou omissões.

Arrependido de ter baseado a sua relação com Eva numa enorme mentira, decidiu ter uma longa conversa no apartamento onde ambos se encontravam esclarecendo tudo, independentemente das consequências.

Uma grande tristeza se instalou no rosto de Eva. A imagem que tinha de Carlos ficou irreparavelmente desfocada.

No dia seguinte, Carlos dirigiu-se para o aeroporto. O seu voo para Londres estava marcado para as dez horas.

Eva não se foi despedir.

Os caminhos que escolhemos e os caminhos que nos escolhem, as aventuras e o mistério, o amor e a mentira, a estratégia e o simbolismo, a in(compatibilidade), a morte, a indiferença e o pecado, não são palavras alheias aos temas focados em cada uma destas curtas histórias.

Este livro relaciona-se com o mergulho nos abismos da mente, na aventura da descrição ficcionada nos recortes da fímbria solar, com o regresso ao tempo suspenso e com a reinvenção da vida.

Estas palavras, ditas pelo autor na “Introdução”, sintetizam o conteúdo genérico das diferentes histórias que dão vida a este livro, tornando-se aconselhável lê-las como quem lê uma descrição factual, embora reinventada no domínio da ficção.